

40
Sempre
E por assim dizer belezas de evasão;
Tais inventos, porém, das musas mais tardias
Jamais impedirão que as gerações doentias
Rendam à juventude uma homenagem grave
— À juventude, de ar singelo e fronte suave,
De olhar translúcido como água de corrente,
E que se entorna sobre tudo, negligente,
Tal qual o azul do céu, os pássaros e as flores,
Seu perfumes, seus cantos, seus doces calores.

VI Os faróis

Rubens, rio do olvido, jardim da preguiça,
Divã de carne tenra onde amar é proibido,
Mas onde a vida aflui e eternamente viça
Como o ar no céu e o mar dentro do mar contido;

Da Vinci, espelho tão sombrio quão profundo,
Onde anjos cândidos, sorrindo com carinho
Submersos em mistério, irradiam-se ao fundo
Dos gelos e pinhais que lhes selam o ninho;

10 Rembrandt, triste hospital repleto de lamentos,
Por um só crucifixo imenso decorado,
Onde a oração é um pranto em meio aos excrementos,
E por um sol de invernos súbito cruzado;

3

Miguel Ângelo, espaço ambíguo em que vagueiam
Cristos e Hércules, e onde se erguem dos ossários
Fantasmas colossais que à tibia luz se arqueiam
E cujos dedos hirtos rasgam seus sudários;

4

20 Impudências de fauno, iras de boxeador,
Tu que de graças aureolaste os desgraçados,
Coração orgulhoso, homem fraco e sem cor,
Puget, imperador soturno dos forçados;

5

Watteau, um carnaval de corações ilustres,
Quais borboletas a pulsar por entre os lírios,
Cenários leves inflamados pelos lustres
Que à insânia incitam este baile de delírios;

6

Goya, lúgubre sonho de obscuras vertigens,
De fetos cuja carne cresta nos sabás,
De velhas ao espelho e seminuas virgens,
Que a meia ajustam e seduzem Satanás;

7

30 Delacroix, lago onde anjos maus banham-se em sangue,
Na orla de um bosque cujas cores não se apagam
E onde estranhas fanfarras, sob um céu exangue,
Como um sopro de Weber entre os ramos vagam;

8

Essas blasfêmias e lamentos indistintos,
Esses *Te Deum*, essas desgraças, esses ais
São como um eco a percorrer mil labirintos,
E um ópio sacrossanto aos corações mortais!

9

É um grito expresso por milhões de sentinelas,
Uma ordem dada por milhões de porta-vozes;
É um farol a clarear milhões de cidadelas,
40 Um caçador a uivar entre animais ferozes!

10

Sem dúvidas, Senhor, jamais o homem vos dera
Testemunho melhor de sua dignidade
Do que esse atroz soluço que erra de era em era
E vem morrer aos pés de vossa eternidade!

11

VII

A musa doente

Que tens esta manhã, ó musa de ar magoado?
Teus olhos estão cheios de visões noturnas,
E vejo que em teu rosto afloram lado a lado
A loucura e a aflição, frias e taciturnas.

Teria o duende róseo ou súcubo esverdeado
Te ungindo com o medo e o mel de suas urnas?
O sonho mau, de um punho déspota e obcecado,
Nas águas te afogou de um mítico Minturnas?⁷

10 Quisera eu que, vertendo o odor da exuberância,
O pensamento fosse em ti uma constância
E que o sangue cristão te fluísse na cadência

7. Do ant. lat. *Minturnae*, atual Minturno, comuna da Itália (Lácio, prov. de Latina). Foi nos pântanos da antiga Minturnas que Mário (Caius Marius), general e político romano (sécs. II-I a.C.), foi derrotado por Sula em 88 a.C. (N.T.)

VI

LES PHARES

Rubens^a, fleuve d'oubli, jardin de la paresse¹,
Oreiller de chair fraîche où l'on ne peut aimer,
Mais où la vie afflue et s'agite sans cesse,
⁴ Comme l'air dans le ciel et la mer dans la mer^a;

Léonard de Vinci, miroir profond et sombre,
Où des anges charmants, avec un doux souris
Tout chargé de mystère, apparaissent à l'ombre
⁸ Des glaciers et des pins qui ferment leur pays^a;

Rembrandt, triste hôpital tout rempli de murmures,
Et d'un grand crucifix décoré seulement,
Où la prière en pleurs s'exhale des ordures,
¹² Et d'un rayon d'hiver traversé brusquement^a;

Michel-Ange, lieu vague où l'on voit des Hercules
Se mêler à des Christs, et se lever tout droits
Des fantômes puissants qui dans les crépuscules
¹⁶ Déchirent leur suaire en étirant leurs doigts^a;

Colères de boxeur, impudences de faune,
Toi qui sus ramasser la beauté des goujats,
Grand cœur gonflé d'orgueil, homme débile et jaune,
²⁰ Puget, mélancolique empereur des forçats^a;

Watteau, ce carnaval où bien des cœurs illustres,
Comme des papillons, errent en flamboyant,
Décors frais et légers éclairés par des lustres
²⁴ Qui versent la folie à ce bal tournoyant^a;

Goya, cauchemar plein de choses inconnues,
De fœtus qu'on fait cuire au milieu des sabbats,
De vieilles au miroir et d'enfants toutes nues^b,
²⁸ Pour tenter les démons ajustant bien leurs bas^a;

Delacroix, lac de sang hanté des mauvais anges,
 Ombragé par un bois de sapins toujours vert,
 Où, sous un ciel chagrin, des fanfares étranges
 32 Passent, comme un soupir étouffé de Weber¹;

Ces malédictions, ces blasphèmes, ces plaintes,
 Ces extases, ces cris, ces pleurs, ces *Te Deum*,
 Sont un écho redit par mille labyrinthes²;
 36 C'est pour les cœurs mortels un divin opium !

C'est un cri répété par mille sentinelles,
 Un ordre renvoyé par mille porte-voix;
 C'est un phare allumé sur mille citadelles,
 40 Un appel de chasseurs perdus dans les grands bois !

Car c'est vraiment, Seigneur, le meilleur témoignage
 Que nous puissions donner de notre dignité³
 Que cet ardent sanglot qui^a roule d'âge en âge
 44 Et vient mourir au bord de votre éternité !

VII

LA MUSE MALADE

Ma pauvre muse^b, hélas ! qu'as-tu donc ce matin ?
 Tes yeux creux sont peuplés de visions nocturnes,
 Et je vois tour à tour réfléchis sur ton teint^c
 4 La folie et l'horreur, froides et taciturnes.

Le succube^d verdâtre et le rose lutin
 T'ont-ils versé la peur et l'amour de leurs urnes ?
 Le cauchemar, d'un poing despotique et mutin,
 8 T'a-t-il noyée au fond d'un fabuleux Minturnes^e ?

Je voudrais qu'exhalant l'odeur de la santé
 Ton sein de pensers forts fût toujours fréquenté,
 11 Et que ton sang chrétien coulât à flots rythmiques^f,